

Da negritude à literatura afro-brasileira: um olhar histórico-literário

Doutorando Rodrigo da Rosa Pereira (FURG)ⁱ

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo refazer criticamente o percurso de construção do conceito de literatura negra ou afrodescendente no Brasil, desde um olhar histórico-literário, o que resulta, mais recentemente, na noção de literatura afro-brasileira. Para tanto, o estudo fundamenta-se em publicações de estudiosos brasileiros dessa vertente na literatura brasileira, tais como Zilá Bernd, Eduardo de Assis Duarte, Maria Nazareth Soares Fonseca e Márcio Barbosa, sendo este representante do grupo Quilombhoje, responsável pela publicação do periódico Cadernos negros, um dos principais veículos que tem contribuído para inclusão da vertente afro na literatura brasileira. Nesse sentido, a reflexão empreendida tem por base ainda questões relacionadas à teoria e à crítica literária dos estudos culturais e pós-coloniais, os quais apontam para a ocupação de espaços literários por parte de minorias étnicas como sendo resultado de transformações socioculturais das últimas décadas, como é o caso da história dos negros no Brasil.

Palavras-chave: literatura afro-brasileira, literatura negra, história da literatura, minorias étnicas autorais.

A proposta deste trabalho é revisar o percurso de construção do conceito de “literatura negra no Brasil” ou “literatura afro-brasileira”, por vezes também chamada de “literatura afrodescendente”. Na base crítico-conceitual dessa literatura, os movimentos literários da negritude definirão fortemente os traços mais significativos do conceito. São eles: a celebração de concepções e valores próprios de diferentes culturas africanas; e a busca de uma origem africana, que redundará por vezes na representação de uma África mítica, imaginada e, até mesmo, na retomada de alguns clichês sobre o exotismo do continente (FONSECA, 2011, p. 247).

Cumprе salientar que o significado do termo “negritude” aqui está posto em sentido lato – com *n* minúsculo – como “a tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação, e a conseqüente reação pela busca de uma identidade negra” (BERND, 1988a, p. 20). Nesse entendimento, negritude aponta para os diversos movimentos literários que, desde o início do século XX, engajaram-se no despertar da consciência de ser negro e na reversão dos valores negativos associados aos negros pelo discurso colonialista, incluindo o Renascimento Negro nos Estados Unidos, o movimento indigenista no Haiti, o negrismo cubano, e culminando no movimento mundialmente reconhecido como Negritude – com *n* maiúsculo –, que se refere àquele surgido por volta de 1934, em Paris.

No Brasil, diversos estudos mostram que a linha de indagação da identidade através da literatura terá seus seguidores a partir de 1927, com Lino Guedes, fortalecendo-se na década de 60 com Solano Trindade, Oswaldo de Camargo e Eduardo de Oliveira, e encontrando seus momentos de culminância na década de 1980, período em que a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente cresce em volume e começa a ocupar espaço na cena

cultural, ao mesmo tempo em que as demandas do movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional. Destacam-se escritores de organizações como o Quilombhoje, de São Paulo, responsável pela publicação *Cadernos negros*, a que somaram grupos de Salvador, Rio de Janeiro, Porto Alegre e outras capitais.

Paralelamente, a reflexão acadêmica sobre essa produção literária se instala no Brasil ao longo do século XX. Porém, os estudos sobre a presença do negro na literatura brasileira, enquanto temática ou autoria, foram, por um bom tempo, exclusividade de pesquisadores estrangeiros, fato este que só vem comprovar a hegemonia da “branquitude” no país. O debate foi aberto no Brasil por Roger Bastide com a obra *Estudos Afro-Brasileiros*, publicada na década de 1940, surgindo mais tarde trabalhos de outros pesquisadores, como Raymond Sayers, com *O negro na literatura brasileira*, de 1958, Gregory Rabassa, com *O negro na ficção brasileira*, de 1965, e David Brookshaw, com *Raça e Cor na Literatura Brasileira*, 1983.

Foi somente nas últimas décadas do século e a partir do ano 2000 que se ampliou o interesse pela literatura dos afrodescendentes, de modo correlato ao fortalecimento do Movimento Negro e à emergência do revisionismo crítico, oriundo da chamada “crise dos paradigmas” nas ciências humanas e de seus reflexos nos estudos literários. (DUARTE, 2011, p. 26).

Com o propósito de delinear criticamente as várias facetas dessa produção, o debate ganha força com o aparecimento de pesquisadores brasileiros e a partir da preocupação dos próprios escritores negros em refletir sobre a literatura que produziam. Nesse contexto, surgem os estudos fundamentais de Zilá Bernd, *Negritude e literatura na América Latina*, em 1987, e *Introdução à literatura negra*, em 1988, os quais a consolidam como crítica e teórica nesse campo.

De modo geral, Zilá Bernd critica o estudo de Brookshaw por dividir os autores que utilizam temática negra em “brancos” e “negros”. A fim de moldar sua perspectiva do conceito de “poesia negra”, Bernd não aceita a possibilidade de definição associada à raça ou simplesmente à cor da pele do autor, considerando tal classificação ideologicamente perigosa e cientificamente falsa. Assim, sem qualquer menção à expressão “literatura afro-brasileira”, a estudiosa propõe uma definição para “literatura negra” com base na evidência textual de um “eu enunciativo que se quer negro”, conceito de fato aplica-se quase que exclusivamente à poesia.

Na mesma linha, Domício Proença Filho, conhecido teórico de literatura e escritor de poesia negra, publica em 1988 “O negro e a literatura brasileira”, ensaio em que defende que “será *negra* a arte literária feita por quem quer que seja, desde que centrada em dimensões particulares aos negros ou aos descendentes de negros” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 185). Proença é mais incisivo que Zilá porque discorda completamente do uso da expressão literatura “negra” ou “afro-brasileira”, alegando que corre o risco de fazer o jogo do “preconceito velado”. Por não acreditar na eficácia dessas expressões, Proença realiza uma abordagem da “representação do negro na literatura brasileira”, evidenciando dois posicionamentos: “a condição negra como *objeto*, numa visão distanciada”, e o “negro como *sujeito*, numa atitude compromissada”. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 162, grifo nosso).

Por parte dos escritores negros, é preciso enfatizar a produção ensaística daqueles reunidos em torno do Quilombhoje, de onde resultam três volumes coletivos da maior relevância: *Reflexões sobre literatura afro-brasileira*, de 1985; *Criação crioula, nu elefante branco*, de 1986; e *Cadernos negros: três décadas*, de 2008. Os dois primeiros contêm ensaios apresentados no I e II Encontro Nacional de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros. Já o último reúne ensaios, poemas, contos e uma coletânea de textos opinativos

sobre a série, que então comemorava seu trigésimo número. Esse conjunto de ensaios críticos forma hoje uma bibliografia fundamental para os estudos sobre a literatura negra ou afro-brasileira. (DUARTE, 2011a, p. 30-31).

Mais recentemente, Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca organizam, em 2011, *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica, obra de grande porte composta por quatro densos volumes. A publicação apresenta-se como contribuição fundamental por ser a mais recente proposta de “contribuir na configuração da *literatura negra ou afro-brasileira*” (DUARTE, 2011a, p. 38, grifo nosso). Ao tomar as expressões “literatura negra” e “literatura afro-brasileira” de modo equivalente, a antologia aponta para o fato de ser esta ainda “uma discussão em processo” (DUARTE, 2011a, p. 39). Desse modo, a antologia faz-se particularmente interessante por fornecer “subsídios teóricos a respeito dessa discursividade etnicamente marcada” (DUARTE, 2011a, p. 38), considerando que “a situação atual dos estudos literários nesse campo aponta para a necessidade de adensamento da recepção crítica dessa produção” (DUARTE, 2011a, p. 32). No que se refere ao conceito de “afrodescendência” na antologia, os organizadores declaram que seu entendimento foi “muito mais como *construção identitária* [...] do que no âmbito da descendência racial e biológica”, no sentido em que a questão das identidades é trabalhada pelo pensamento contemporâneo por Bhabha, Spivak, Said, Hall e outros (DUARTE, 2011a, p. 33).

Dessa antologia, fazem-se particularmente significativos dois dos ensaios presentes no volume final – subtítulo “História, teoria, polêmica” –, os quais discutem propostas de definição do conceito de literatura negra ou afro-brasileira, a saber: “Literatura negra: os sentidos e as ramificações”, de Maria Nazareth Soares Fonseca e “Por um conceito de literatura afro-brasileira”, de Eduardo de Assis Duarte. Aqui é interessante perceber de cada um deles trabalha com uma das expressões.

O estudo de Maria Nazareth Soares Fonseca demonstra que não é fácil acompanhar os significados dados à expressão “literatura negra” ao longo do processo de construção de sua história; ao menos não da mesma forma que é possível acompanhar a presença do negro na literatura brasileira. Um dos problemas seria que “a literatura negra ou afro-brasileira [a autora realmente utiliza os dois termos de modo equivalente] não se estabelece como um gênero literário nem se mostra a partir de gêneros discursivos específicos”, sendo ora configurada a partir da “afirmação étnica ou de marcas de busca de uma identidade negra ou afro-brasileira”, ora construída por “outros percursos marcados por autores, invenções literárias, temas”. (FONSECA, 2011, p. 261-262).

Ao discutir a definição de Zilá Bernd – do eu enunciador que se quer negro –, Fonseca (2011, p. 268) observa que tal proposta já deu muito “pano pra manga” e discussões que sempre caem em particularismos, mas que, passado o calor da hora, é possível perceber que o “agenciamento do texto” é que vai indicar a pertinência de sua nomeação. Diante disso, Fonseca defende que “Mais que definir o texto por expressões como literatura negra – sempre encurralada do paradoxo da cor da pele e da intenção do texto – ou literatura afro-brasileira, que vem se confirmando como regra geral, é pertinente auscultar o texto e perceber os sentidos que ele ajuda a construir na contramão, nos caminhos marginais, mas, por isso mesmo, menos percorridos por parafernália teórica” (FONSECA, 2011, p. 268).

Portanto, essa escrita seria uma manifestação literária marcada por um “forte compromisso com a conscientização, embora não despreze o cuidado com o trabalho no nível da linguagem”, características estas que se mostrariam de forma mais contundentes nos *Cadernos negros*, marcando a intenção do grupo de dar à literatura produzida por eles um sentido não somente político. (FONSECA, 2011, p. 267). Considerando que as

expressões permitem que uma gama de efeitos de sentidos sejam construídos por estratégias que, sendo literárias, são também políticas no sentido amplo do termo, Fonseca conclui que podemos pensar que, “transitando sempre em vias de mãos duplas”, elas assumem “as contradições inerentes à sua utilização”, permitindo ainda que pensemos na “vasta produção de textos que instigam a reflexão sobre a função da literatura que se volta para os segmentos excluídos ou neles produzidos, fazendo-se, no campo da arte, instrumento capaz de produzir efeitos significativos de mudança em cenários culturais e atitudes” (FONSECA, 2011, p. 272).

Já o ensaio de Assis Duarte propõe avaliar o “estado da arte” dos conceitos de *literatura negra* e de *literatura afro-brasileira*, partindo do entendimento de que “o momento é propício à construção de operadores teóricos com eficácia suficiente para ampliar a reflexão crítica e dotá-la de instrumentos mais precisos de atuação” (DUARTE, 2011b, p. 378, grifo nosso). No entanto, o crítico destaca que a questão é controversa e como tal tem se mantido nas reflexões e debates conduzidos nas últimas décadas. Sobre o uso da expressão “literatura negra”, alega que “enfraquece e limita a eficácia do conceito enquanto operador teórico e crítico” porque abrange “da militância e celebração identitária ao negrismo descomprometido e tendente ao exótico, passando por escritos distantes tanto de uma postura como de outra”. Já o termo “afro-brasileiro” parece-lhe mais eficaz por sua própria configuração semântica remeter ao “tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos” (DUARTE, 2011b, p. 381).

Em defesa do conceito de literatura afro-brasileira, Duarte crítica a tendência dos estudiosos para a “supremacia do critério temático” ou o “reducionismo temático”, sem levar em conta o “pertencimento étnico” e a “perspectiva autoral”, o que resultaria da “força da herança modernista na cultura brasileira” (DUARTE, 2011b, p. 278). Nessa linha, o autor contra-argumenta as propostas de Bernd e Proença Filho, alegando ser problemático o duplo sentido conferido ao termo pela noção de uma literatura do negro e outra sobre o negro, visto que comportam perspectivas opostas. Isso comprometeria a operacionalidade do termo, uma vez que o faz abrigar “tanto o texto empenhado em resgatar a dignidade social e cultural dos afrodescendentes quanto o seu oposto” – a produção descompromissada, nos termos de Proença, voltada muitas vezes para “o exotismo e a reprodução de estereótipos atrelados à semântica do preconceito” (DUARTE, 2011b, p. 379).

Alertando sempre para o fato de que se trata de um conceito em construção, Duarte destaca os seguintes identificadores que distinguiriam essa produção: temas afro-brasileiros; uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; um ponto de vista ou um lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo, ou ainda uma perspectiva afro-identificada; construções linguísticas marcadas por uma – afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; e um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepional. A existência da literatura afro-brasileira em sua plenitude somente seria constatável pela interação dinâmica desses elementos – temática, autoria, ponto de vista, linguagem, e público – que atuam como constantes discursivas nos textos de épocas distintas, mas que “isoladamente tornam-se insuficientes para propiciar um pertencimento a tal literatura” (DUARTE, 2011b, p. 399).

Em síntese, de um lado, defende-se a questão discursiva, da evidência textual, não apenas temática: a defesa de que essa literatura somente pode ser considerada com tal se houver marcas textuais de um eu enunciador que se quer negro, o que de fato aplica-se melhor ao gênero da poesia, mas que no caso da prosa seria uma enunciação (não apenas

um narrador) afirmativa de uma identidade negra ou que expresse a consciência de ser negro.

De outro lado, temos a questão autoral como um dos fatores determinante dessa classificação, isto é, quem ocuparia o espaço denominado literatura negra ou afro-brasileira seriam somente os escritores negros, enquanto sujeitos produtores de sua própria cultura, de modo a contrapor o longo período em que o negro figurou apenas como temática na literatura brasileira, independente se positiva ou negativamente.

Para fugir dessa categorização, outros ainda defendem uma abordagem temática simplesmente, referindo-se à presença do negro na literatura (brasileira), seja como objeto ou como sujeito, no lugar de literatura negra ou afro-brasileira, considerando que o uso destas expressões pode ajudar a manter a discriminação. Segundo este ponto de vista, tais designações, embora estejam vinculadas à reivindicação de uma identidade própria, fator decisivo na luta pelo fim das distinções raciais, podem acabar reproduzindo os estereótipos que costumam caracterizá-las.

De toda maneira, em meio ao debate aparentemente infundável, Eduardo de Assis Duarte apresenta uma proposta bastante coerente, a qual me parece realmente ser a mais eficaz em termos de operacionalidade teórica, ao elencar os elementos da temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público como aqueles cuja interação dinâmica levam a existência dessa literatura, mas que isoladamente tornam-se insuficientes.

Portanto, não seria possível afirmar categoricamente que “literatura negra brasileira” seria diferente de “literatura afro-brasileira”, muito menos que determinada expressão seja melhor que outra. O que testemunhamos são diferentes perspectivas críticas e teóricas que levam a determinado escopo do conceito. Ou seja, o grande debate no interior da (contra)instituição literária gira em torno da própria definição terminológico-conceitual dessa vertente da produção literária, a qual permanece em construção e gerando polêmica entre os defensores das diferentes perspectivas aplicáveis a essa vertente da literatura brasileira.

Diante disso, concluímos que ambas as expressões “literatura negra no Brasil” ou “literatura afro-brasileira” apresentam-se recorrentes no meio acadêmico e literário, embora apontem para conceitos ora convergentes, ora divergentes. Porém, as particularidades defendidas para cada expressão nem sempre são suficientes para responder a certas questões propostas pela crítica, teoria e história da literatura, e mesmo pelos escritores, sendo a própria definição do conceito ainda hoje polêmica.

Por um lado, verificamos que a utilização do prefixo “afro” no caso de classificação da produção literária, não consegue evitar alguns problemas contidos no uso do termo “negro/a”, à medida que caracterizam uma particularidade. Por outro, como mostram os escritores ligados ao Movimento Quilombhoje e conseqüentemente aos *Cadernos negros*, essa particularização torna-se necessária enquanto resposta à marginalização histórica sofrida pelos escritores negros ou afrodescendentes no Brasil, frente aos critérios “universais” que configuram um mecanismo de exclusão legitimado pela literatura tradicional.

Referências Bibliográficas

- BERND, Zilá. *O que é Negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988a.
BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988b.
BERND, Zilá. *Literatura e Negritude na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DUARTE, Eduardo de Assis. Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra. In: _____. *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Vol. 1. Belo Horizonte: UFMG, 2011a. p. 13-48

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: _____ e FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Vol. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011b. p. 375-403

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura Negra: sentidos e ramificações. In: DUARTE, Eduardo de Assis e _____ (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Vol. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 245-278

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. Estudos Avançados. São Paulo, v. 18, n. 50, Abr. 2004. Disponível online em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 May 2013. (remete ao texto de 1988)

ⁱ Rodrigo da Rosa PEREIRA, Doutorando.
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Programa de Pós-Graduação em Letras - História da Literatura
rodrigopereira@furg.br